

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

MÉCIA DE OLIVEIRA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Depoimentos Avulsos

Entrevistado – Mécia de Oliveira (MO)

Entrevistadores – Ruth Martins (RM)

Data – 23/02/1987

Local – Sem informação

Duração – 1h05min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

OLIVEIRA, Mécia de. *Mécia de Oliveira. Entrevista de história oral concedida ao projeto Depoimentos Avulsos*, 1987. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 20p.

Sumário

Fita 1 - Lado A

- a ida para estagiar no Laboratório de Hematologia e a seleção feita por Walter Oswaldo Cruz entre os candidatos;
- breve referência aos estudos feitos por Walter Oswaldo Cruz sobre anemia parasitológica;
- novos comentários sobre o tipo de seleção feita por Walter Oswaldo Cruz para escolher seus estagiários e lembrança de como foi seu teste;
- a rotina junto a outros estagiários no Laboratório de Hematologia;
- referência a Academia do Terceiro Mundo, com sede na Itália;
- sobre um dos estudos desenvolvidos por Walter Oswaldo Cruz que foi premiado;
- sobre o trabalho de pesquisa que desenvolve atualmente;
- os seminários realizados durante seu estágio com Walter Oswaldo Cruz;
- sobre a administração de Rocha Lagoa.

Fita 1 - Lado B

- a destituição de Walter Oswaldo Cruz da chefia do laboratório;
- as qualidades necessárias a um cientista;
- a relação de Walter Oswaldo Cruz com seu trabalho;
- o processo de elaboração de um trabalho científico e sua divulgação;
- referência a Sílvia Oswaldo Cruz;
- o processo de trabalho da equipe de Walter Oswaldo Cruz;
- a atuação de Walter Oswaldo Cruz na área de Hematologia;
- a dificuldade de se publicar novos trabalhos em revistas científicas;
- a liderança exercida por Walter Oswaldo Cruz entre os cientistas.

Fita 2 - Lado A

- a importância e prestígio da Academia Brasileira de Ciências antigamente.

Fita 2 - Lado B

- Não há gravação.

Data: 23/02/1987

Fita 1 – Lado A

RM – Bom, estamos no dia 23 de Fevereiro de 1987, e estou aqui com a Mécia, que foi uma das pessoas que estudou com Walter Oswaldo Cruz, então eu quero que ela fale prá mim sobre essa relação com o Walter Oswaldo Cruz, e também muito sobre o aspecto da produção científica dele. Quero que você conte prá mim um pouco, como que você, uma coisa que a gente estava conversando, estava o Luís Fernando e o Gadelha, e a Izar, e o Gadelha, e foi comentado, acho que foi pelo Fernando, a maneira como ele fazia a seleção das pessoas que iam fazer estágio no laboratório de Hematologia. Então eles falaram sobre um caderno que teria charges do, se não me engano da New Yorker, eu não tenho certeza se da New Yorker, então eles não. [...] as pessoas que estudaram com ele, passaram por essa seleção. Como que foi a sua chegada ao laboratório ?

MO – Bem, isso eu era estudante de Medicina. Naquela época tinha uma rotina muito grande, nem me lembro mais qual era, uma coluna publicitária com notícias de cursos, notícias de interesse, prá quem está cursando universidade, essa coluna que era [...] prá população universitária, estava fazendo um dia, um anúncio de que se precisava de estudantes de Medicina, prá fazer pesquisa em Hematologia, e que havia uma bolsa e que o estágio seria remunerado. Olha, naquela época, eu estava estudando Medicina, e o estudo de Medicina...

RM – Foi quando ?

MO – Acho que em 58. E o estudo de Medicina implica em tempo integral, né, [...] obviamente não dá prá ter uma outra atividade, alguns colegas até tinham, né, que trabalhavam à noite, mas atividades de trabalho era remunerada, e eu era muito incomodada com o fato de estar, de depender financeiramente dos meus pais, que eles não nadavam em nenhum mar de rosas financeiro, né. Então quando pintou isso, e eu sempre fui muito curiosa, desde que eu entrei prá escola, eu fui prá estagiar assim, o maior número de lugares, sempre curiosa, querendo ver por dentro, das disciplinas, o dia-a-dia, a práxis de tudo que era ensinado, e aí surgiu essa oportunidade, então eu disse a seleção, não tem chance de seleção, mas de qualquer maneira, eu tinha me comunicado por telefone, que era o telefone da casa do doutor Walter Oswaldo Cruz. E, ligando, olha, você pode vir tal dia, tal hora, prá uma seleção.

RM – Ele que atendeu ?

MO – Ah, não me lembro se foi ele que atendeu, deve ser alguns familiares, alguns empregados da casa, eu não lembro, bom, e então, no dia determinado eu estive lá, e havia a primeira parte de um teste, era um teste que ele desenvolveu para a seleção desses estudantes que iam trabalhar com ele. Nessa época ele havia tido vários discípulos, e no que você fala de anelostomose, estou fazendo um parênteses, isso foi uma coisa muito anterior à nossa geração, muito anterior, eles não tiveram [...] interessante que a anemia que se segue, que vem sempre acompanhada da infestação pelo anelostomo, é na verdade, uma anemia ferropriva, que se houver um suprimento de ferro, o parasitismo não induz necessariamente à anemia, embora o parasita se alimente, né,

de sangue, não sintetiza também a heme, não sintetiza o heme, de hemoglobina, mas se é uma dieta normal, de uma criança sadia, com acesso a uma alimentação normal, a manifestação do anciolóstomo não vai acontecer no sangue [...], mas isso foi experiência anterior à nossa chegada, voltando ao que ele desejava, na época ele queria estudantes, então ele desenvolveu um teste, que ele queria aplicar nos estudantes. Que ele, isso de escolher pessoas que trabalham no laboratório, o chefe do laboratório sempre tem de alguma maneira, um teste, de alguma maneira, ele seleciona pessoas que tenham aquelas qualidades que ele acha necessárias e pertinentes para o trabalho de pesquisa. Isso é uma coisa individual, porém, existe todo um dogma não escrito da ciência, da atividade científica. E então, se você entrevistar vários pesquisadores que tem estudantes, e perguntar como é que ele seleciona, na sua seleção, independente do método usado, na sua seleção, quais são as qualidades que representem os seus alunos, bem então Walter me propôs, eu estou chamando de Walter, mas eu nunca o chamei de Walter, né, era doutor Walter, se propôs...

RM – Era uma exigência do temperamento dele ?

MO – Ah, era uma coisa natural, ele tinha uma diferença muito grande de idade entre nós, não sei se era tão grande assim.

RM – Ou se era mesmo, né ?

MO – É, ou se parecia muito mais, mas era muita diferença, os alunos de hoje a gente chama pelo primeiro nome, né, e bom, mas, então nesse teste o que ele queria, as qualidades que ele queria detectar era agilidade mental, percepção, o que ele queria no primeiro teste, percepção mental, ele queria qualidades, presente, qualidades que tem que estar presentes numa pessoa que se denomina inteligente, né, são qualidades, são atributos, não poucos, mas são alguns atributos da inteligência, quando eu fui chamada eu entendi. Bom, então esse teste era um teste visual, contido de uma parte de cartoons, né, freqüentemente, naquela época, o cartoon era acompanhado de legenda, mas é essa linguagem americana do cartoon, o cartoon um desenho só, sem nenhuma legenda, né, com a mensagem toda contida ali, então era prá perceber a mensagem, exatamente, eu me lembro que o cartoon que abria o teste primeiro, o teste que era assim, coisas coladas num caderno, né, e ele num outro caderno, anotava. Bem esse primeiro cartoon era uma casa, que era uma casinha com mudas de plantas, e um homem comprando uma mudinha de planta, pequena ainda, e já levando junto um, aquele instrumento prá retirar fruto do pé em árvore alta, isto é, uma vara com uma lata, assim na ponta, eu me lembro, né, que foi o que eu olhei primeiro aí eu disse, olha aqui é o otimismo, aí ele ficou encantado, “Mas é isso mesmo, é isso que eu quero que você diga”. Ah, até o geral ele dizia, então quer dizer, tinha um desenho que eu parei prá descrever a situação, e o teste, com cheio de coisas assim, e também, na televisão, eram fotografias em cartão, em situações de pose e de instantâneo, situações diferentes, e era prá saber se era [...], eu me lembro que tinha duas fotografias, [...] da baía de Guanabara, de noite, numa você vê o morro da Urca, e o pontinho do bondinho, num era um pontinho, no outro era uma estriazinha de luz, prá ver nos dois qual era o instantâneo e qual era a pose, né, quer dizer, o diafragma aberto, né, obviamente o pontinho era a pose, e a tirinha, era significava aquele que ficava sempre mais exposto, né, então era ... Bom, essa era a primeira fase do teste, tinha um caso de número de pontos que ele mesmo classificava, uma parte do teste que era no laboratório, lá no laboratório dele lá no Instituto Oswaldo Cruz. No laboratório dele,

né, no terceiro andar, e onde hoje está instalado, e numa situação digna e muito adequada, onde está instalada a professora Maria Deane, que está fazendo um belíssimo uso daquele espaço, que também teve um belíssimo núcleo do doutor [...]. Bem, a esse laboratório a gente tinha que fazer a segunda parte do teste, o um, a gente olhava os cartoons e as fotografias na casa dele, dois, no laboratório. No laboratório tinha dois tipos de testes, no segundo teste então, consistia em você tem os aparelhos, em se tentar saber o funcionamento.

RM – Desses aparelhos ?

MO – É. Então eu me lembro tinha um, um contador de radioatividade, que era uma peça antiquíssima, nem sei onde foi parar isso, uma peça antiquíssima, e que tinha um mostrador, né, e que mostrava, de alguma maneira detectava partículas emitidas por, então o aparelho está lá, eu era pouquinho, eram pouquíssimas partículas que ele detectava, e quando se botava alguma amostra, o aparelho disparava, tirando, aquele pequeno, que parece uma moeda, né, tinha aquela “moedinha” especial, parava de cintilar, parava de fazer as contagens, e isso repetidas vezes, aí eu será que é metal, aí ele pegou um anel, emprestado, e que não deu, eu falei olha, isso aqui é uma coisa especial, e não é propriedade qualquer, de qualquer metal, né, mas eu não sei, aí ele ficou encantado comigo, porque eu fiz a experimentação, eu fiz a experimentação de tirar um objeto, porque eu não sabia que era não-radioativo, né. Mas um outro metal, a minha primeira explicação é que era um metal, então ele gostou muito disso, e botou um outro no teste, um termômetro, esses termômetros que marca o grau de umidade, na verdade o grau de umidade é que dá o grau de conforto, tem pessoas que ficam realmente sentidas com o ar, o ar pode parecer mais quente, mas realmente é um grau de umidade, era um, termômetro desses, que tinha saber lá, não me lembro bem, aí tinha o terceiro teste, que era tentar pegar a veia de um cão anestesiado, você dava uma injeção na veia, e aí era aquele horror, né, porque era um cão, cachorro, imagina, dos que eu gostava, também não queria saber daquilo e não sei o que, falei com ele, acho que eu não vou pegar não, porque não gosto de trabalhar com cachorro, e tal, aí ele me pôs uma pergunta, e peixe, você tem o mesmo sentimento ? Um bicho também, não sei o que, fico com vergonha, também, né, depois demorou algum tempo ele escolheu algumas pessoas, e ficamos três pessoas.

RM – E muita gente procurava ?

MO – Aí eu não sei o número [...], mas eu acho que sim. Foram três pessoas nessa leva, e depois teve outras pessoas na outra leva. Mas eu queria dizer uma coisa, a gente fez o primeiro teste, né, que ele queria medir a percepção e inteligência, etc., curiosamente as pessoas que fizeram um score maior nesse teste, porque depois eu tive acesso a esse caderno, né, e tive inclusive acesso ao meu teste, que estava escrito assim: “Extraordinariamente rápida”. Eu tinha acertado tudo, mas acertava muito rápido, ele fazia essa observação. E aí ...

RM – As pessoas tiveram melhor score, não ?

MO – As que tiveram melhor score não ficaram.

RM – Ah, é ?

MO – Não, não ficaram, em pesquisa básica, porque tinha outras qualidades, que obviamente é uma coisa que não pode ser omitida, que é uma qualidade, obviamente eu digo, no momento, certamente não pode omitir, é uma criatividade, né, um dom especial, que isso não há hoje em dia, há de ser depois de algum tempo, em ver algum que toma, então por coincidência, não são excludentes obviamente, mas, e aí eu vi uma coisa, as pessoas que tinham, uma educação, que de alguma maneira tivessem passado pelo Hemisfério norte, isto é, pelos Estados Unidos, era mais fácil acertar aquele teste, porque era uma coisa mais da cultura, que era naquela época, bom, então, aí ficamos três, daí a seis meses entrou o quarto. Aí foram vários depois...

RM – Você tinha estudado lá nos Estados Unidos ?

MO – Não, estudei depois, depois eu fui. Aí...

RM – Quer cigarro ?

MO – Não, obrigado. Aí, éramos estudantes de Medicina, era o Instituto Oswaldo Cruz, era longíssimo, tinha aula na Praia Vermelha, e como ninguém tinha carro, os estudantes a gente tinha que fazer uma coisa, éramos três, e tinha que cobrir o horário, quer dizer, cobrir, tinha sempre que ter um dos estudantes presentes. Tinha um dia de seminário, tinha que ter os três estudantes presentes.

RM – E isso vocês faziam em que ? Duas horas ?

MO – Não, eram muitas horas.

RM – E com ele, né ?

MO – Não, a gente aprendeu aí duas coisas fundamentais: primeiro, que pesquisa não se faz, não se aprende, jamais com duas horas por dia, e que realmente a, você na sua vida, pra ganhar algumas coisas, você tem que perder outras, faz parte do processo. Então, do processo de vida, então, nós perdíamos algumas aulas com [...], nós perdíamos algumas aulas com, talvez até conscientemente, escolhíamos até as quais que iríamos perder, que às vezes haviam umas folgas mesmo, né ?

RM – Quem eram os outros dois, hein ?

MO – Bom, um era Reinaldo Magalhães, José Reinaldo Magalhães, que foi o que entrou mais velho, entrou no sexto ano, Reinaldo Magalhães hoje em dia está em São Paulo, aliás ele se aposentou.

RM – Aonde ?

MO – Não, ele se aposentou das atividades acadêmicas, e estava se dedicando (ruído de motor de carro) não tenho certeza, o outro foi um que está fazendo, que acabou de defender, a academia de Terceiro Mundo, todo mundo está falando, não é uma academia cuja posição científica seja típica do Terceiro Mundo, ou subdesenvolvida, nada disso, ela consiste na maior parte de

novelistas, de novelistas, que são habitantes do Terceiro Mundo, é o que, então pelo contrário, é uma academia que mostra que pessoas do Terceiro Mundo são formadas [...] autoridade.

RM –

MO – Essa academia é internacional, e tem a sede no Instituto de Física teórica, em Trieste, na Itália, porque o presidente é um físico teórico. Que é de grande rivalidade, essa academia, e o vice da academia vem a ser o professor Carlos Chagas. O instituto de Física.

RM – Ele era lindo, né ?

MO -Sim, congressos, tem trabalhos de cooperação, é um laboratório lá fora, mas aí quem indicou o prêmio é uma idéia que ele sozinho elaborou, e experimentalmente [...], e é esse conceito de Bioenergética. Mas ele , hoje em dia, que defende que o grau de relação da molécula chamada alfa- energia depende do grau de hidratação da molécula, os compostos são de alta energia, quando estão dissolvidos em água, como se fosse uma cola, não tem água, não. Se estão num ambiente hidropônico, isto é sem água, um ambiente naturalmente você encontra água nas membranas, que são constituíveis de elementos hidropônicos, a membrana celular é um ambiente hidroalcoólico, com as proteínas inseridas, então o núcleo, nesse ambiente hidroalcoólico, não é de alta energia, isso não libera energia na sua degradação, nem é necessária alta energia para sua formação. Isso é um conceito novo, interessante e muito importante, e que explica um dos fenômenos biológicos, eles já viram que esse é o caso de algumas proteínas que são enzimas, que degradam e formam e reformam compostos de alta energia como a tebrina, a [...] e por isso também a bomba de prótons, de novas bactérias, as mitocôndrias. Então, isso [...] significa ver em tantos elementos diferentes, em célula animal, e célula vegetal, em bactérias, significa mostra a universalidade desse princípio, [...].

RM - Por isso tem, esse foi um ...

MO – Um, editor-prêmio. Bem, e o outro é o Carl Peter Dietrich, que é um brilhante cientista, e que está há muitos anos já na Escola Paulista de Medicina, o Dietrich seguiu uma trilha iniciada nos tempos de estudante do laboratório do doutor Walter Oswaldo Cruz. Que ele [...] Farina lá, do laboratório, ele estendeu o estudo prá Química, estrutura e função, que é um trabalho belíssimo, que eu chamo, levando, chegando ao completo, estruturas de uma classe de moléculas, de uma molécula que seja, é o sonho de todo biólogo. De todo pesquisador na área biológica, e ele fez essa estrutura e função prá [...] principalmente pelo bioquímico, principalmente pelo bioquímico. Ele

RM – O que, muco ?

MO – Mucopolissacarídeo, é um [...], e ele foi levando pro seus estudantes, com um entusiasmo, e (ruído de avião).

RM – Você seguiu por outra trilha ?

MO – Eu segui por outra trilha, né, cada um seguiu a sua trilha.

RM – O seu trabalho hoje qual é, hein ? Em qual área ?

MO – Bem eu trabalho hoje em dia, eu me proponho hoje em dia a investigar biologia de tripanossoma cruzi. Eu não trabalhei com esquistossoma todo, porque na realidade quando eu trabalhava no Instituto Oswaldo Cruz, eu trabalhava em Hematologia experimental, que era com o doutor Walter, né ? Trabalhando lá, assim que eu me formei como médica, eu fui pros Estados Unidos, comecei o trabalho com membranas e continuei até hoje. Na verdade, o que me levou a estudar o Tripanossoma cruzi era o meu conhecimento anterior com membranas, elementos de membranas, com o doutor Walter Cruz, então eu comecei na área de Tripanossoma cruzi, eu acho que é um belo [...] nacional, fundado o laboratório no Brasil destinado a isso, por exemplo é só pegar o último resumo da Biologia animal destinada a doença de Chagas, você vê que há muitos laboratórios no Brasil dedicado a isso, e importantes conhecimentos incríveis, que há esse esforço conjunto, com pessoas, prá tentar entender como é a doença, como é o protozoário, [...], bem então com membrana, depois que eu trabalhei com o doutor Walter Oswaldo Cruz, no NIT, National Institute of Technology, de um International Pos-Graduate College, e que foi feito lá trabalhando com a doutora Marta Vaughan.

RM – Marta ?

MO – Bom, se escreve Vaughan.

RM – E é de qual universidade ?

MO – Do National Institute of Technology. Bem, mas eu tinha parado, vou contar quando eu lecionei no Seminar. O Seminar é uma coisa sagrada, então o seminário consistia, eram trabalhos da literatura internacional, pertinentes ao trabalho que está sendo realizado e nessa época era [...] do doutor Walter Oswaldo Cruz, em homenagem ao doutor, doutor Aurélio já trabalhava lá, tinha [...] era mais velho que a gente, e os estudantes. O seminário era absolutamente, não se admitia falta, também ninguém tocava, né, e [...] mas tarde quando houve...

RM – E vocês ainda apresentavam o trabalho no ?

MO – Não, é cada um tem um monte.

RM – Tinha uma leitura e aí vocês apresentavam ?

MO – Não, prá apresentar o trabalho você tinha que trazer o trabalho prá casa, você leu, você comprehendeu, você fez o resumo, você conta com o trabalho, aí é isso que é apresentar o trabalho. De preferência com críticas e sugestões ao autor, mas isso nem sempre é conseguido, mas é essa a intenção de um seminário científico. Bem, aí, [...] mais tarde quando o Rocha Lagoa acusou ao doutor Walter de ser subversivo, de aliciar estudantes prá uma causa subversiva, foi uma coisa que a gente causou surpresa que até muito riso antes de saber as consequências todas, isso eu fiquei um pouco longe, podemos até ligar a causa da morte do doutor Walter ao desgosto aqui pela total incompreensão do que as ciências, porque de aliciar estudantes, de ter reuniões

políticas, nunca, mas nunca se falou política, não era nem política, na verdade, também nem muito assunto. O que se falava era ciência, porque era pouco prá se falar.

RM – E ele...

MO – Aliás, deixa eu terminar isso. Ele começou a falar política depois que ele estava... aí ele uma vez comentou com um certo humor, eles nos obrigaram a fazer aquilo de que nos acusaram, de falar de política, agora sim, vocês vão falar de política, porque ficou uma situação insustentável, a gente tinha que falar. Eu na época eu lembro que um tumulto, então aí, a imprensa, ...

RM – Você falou que ele uma vez falou com um certo humor depois de ter sido cassado ?

MO – Não, ele foi cassado politicamente, ele não foi cassado cientificamente, ele perdeu a chefia do departamento, pediu a chefia do laboratório, ele foi, confiscada a área do andar. Ele já estava trabalhando com os outros estudantes, era o [...]

RM – Ele sempre comentava antes de chegar nesse estágio em que ele perdeu a chefia ?

Fita 1 - Lado B

MO – Nunca se falava em política. Ele foi numa reunião, não sei o que, na diretoria e voltou destituído. Isso ele falou prá mim. Aí teve o desenrolar, as coisas piores, etc., mas foi detonada abruptamente.

RM – Que ele teria saído de férias dia 2 de Janeiro de 1967, e morreu dia 3 de Janeiro de 1967 ? Foi bem antes disso que ele perdeu a chefia ?

MO – Foi, né, foi em 1965.

RM – E aí ele continuou lá fazendo a pesquisa dele, caminhou com a pesquisa dele, sem qualquer chefia ?

MO – É, mas ele tem, bom, ah, uma coisa que ninguém pode esvaziar, mas ninguém pode esvaziar, e nem pode também usando sinônimos, ninguém pode encher, é de autoridade científica. Isso ninguém pode destituir ninguém, a não ser a própria pessoa, por incompetência, ou por não ter chegado lá. E ninguém pode encher alguém de autoridade científica. Encher prá usar o antônimo de esvaziar, não é ? Autoridade científica, isso é uma coisa que se adquire por qualidades pessoais, e isso é instituído jamais por uma lei, por uma coisa, por um exílio, qualquer coisa. É impossível esvaziar isso. Ele ficou esvaziado de autoridade científica, só que tem o outro, o bloco era muito rude, ele foi um fundador, e era uma pessoa de grande orgulho pessoal, ele se viu de repente, destituído, caluniado, cerceado, de repente muita coisa veio prá ele, imagino, ele não chegava a usar-nos como confidentes, jamais nós éramos assim muito, como eu disse, muito mais jovens do que ele. Éramos muito mais moços que os filhos dele, ou somos dos filhos mais novos. Então era uma diferença, né ? E que ele achava, que a ciência, e também

eu acho que é um conceito ainda vigente universalmente, que a ciência só se ensina na relação mestre-aprendiz. Você só pode ensinar na verdade o método experimental. Nunca se pode fazer um cientista. Um cientista tem que ter umas qualidades inerentes, que se forem bem encaminhadas, bem lapidadas, através de um conhecimento correto, adequado, do método experimental, um bom laboratório, ser um cientista experimental, um bom laboratório, aí pode se tornar um cientista. Mas, uma pessoa que não tem essas qualidades, mesmo estando no melhor laboratório, não se torna um cientista, quer dizer, isso é uma coisa inerente. O doutor Geraldo Fraga ??, professor da Escola Paulista de Medicina, falecido muito recentemente, é uma grande perda da ciência nacional, ele dizia, olha, em relação à pós-graduação, que é o modo atual de especialização nessa situação de mestre-aprendiz, é que se você tem um diamante bruto e lapida em um laboratório, fica um brilhante do mais alto valor, se você pegar um pedaço de paralelepípedo, você continua com aquele paralelepípedo lapidado, que é, numa imagem visual, de fácil apreensão do problema primeiro, que é os exatos limites de cada um, né. Bem, mas doutor Walter levava muito a sério, era muito empenhado, era um cientista extremamente dedicado à causa ao seu trabalho imediato e à ciência como um todo também, e era um pouco dedicado a isso, e eu peguei uma fase em que segundo ele dizia, que não tinha sido sempre assim com ele.

RM – Como que ele manifestava isso ?

MO – Ah, (risos), da maneira mais óbvia, né, mas ele lamentava o fato de não ter sido sempre assim na vida dele, ele até ser campeão de xadrez, eu acho que até foi campeão nacional, [...] eu não sei muito bem sobre.

RM – Não tem nenhum livro dele.

MO – Mas, ele lamentava isso, lamentava o que ele chamava o tempo perdido, tempo tirado ao laboratório. Então ele lamentava...

RM – Enquanto jogava xadrez ?

MO – Ele lamentava todo um lado, vamos dizer, boêmio, né, boêmio, daquele tempo, que o doutor Chagas fala até hoje, que era uma boêmia, de idéias, mais do que uma boêmia científica, mas que era acompanhada também de libações científicas, porém o que havia era um grande interesse em conversar, trocar idéias que foi o fenômeno de Belo Horizonte, né, do Hélio Pellegrino, do Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Drummond, que era um pouco mais velho do que eles, mas que era da turma também, e que era um fenômeno [...], várias pessoas, [...]. Isso tudo, ele lamentava de origem muito, ele achava que era, que foi tempo perdido no laboratório, era uma pessoa extremamente dedicada. Então, como tal, ele levava essa informação longe, então nós tínhamos um capítulo todo especial no item escrever o trabalho, isso é...

RM – Um capítulo substancial ?

MO -Um capítulo substancial nessa relação mestre-aprendiz, o aprendizado, porque num trabalho científico, você começa com uma pergunta à natureza, e detecta o que que é

desconhecido até, naquele determinado campo. E formula uma pergunta experimental, você transforma aquela pergunta ou você procura uma tática de responder àquela pergunta experimental. De responder à pergunta da natureza, então os experimentos são feitos, depois você tem a sua resposta, né, então quando você faz uma o experimento você faz uma resposta. A natureza te responde sim, ou não, ou às vezes pode nem sim, nem não, ou uma coisa, ou outra; quando o experimento não funciona. Então, a parte experimental é sempre, tem que ser bastante rigorosa, pra você saber ao certo, quando é um não claro, quando é um sim claro, e quando a coisa não está bem clara. E isso tem uma série de perguntas, você tem uma pergunta e uma série de respostas, obviamente é um conjunto de perguntas, que se faz. Bom, aí, depois daquilo respondido, está na hora de se divulgar o porque, eu tinha muito consciente essa necessidade de que, como ele utiliza até hoje, que eu acho que é uma responsabilidade social do cientista. É de divulgar o seu conhecimento. Se eu achar que, se tiver o verdadeiro conhecimento do estado da ciência atual, sabe-se que o que se contribui é com tijolo pra todo o edifício do conhecimento, não é? Enquanto aquele tijolo tem que ser, assim que estiver pronto, tem que ser lançado, porque talvez você fazendo aquele tijolo, uma outra pessoa faz, uma pessoa trabalhando uma outra coisa lá e pode formar um quebra-cabeça gigantesco. Assim, ali já tem as peças possam encaixar em outras partes, né, em outros laboratórios do mundo.

RM - E isso ele pregava incessantemente ?

MO - Bom, não existia isso da pregação. Numa verdadeira relação mestre-aprendiz.

RM - Como é que era ?

MO - Não tem essa de pregação, é uma coisa que é falada na hora, que é fato, que é executado, e é uma coisa contínua, é uma coisa orgânica. Então, na hora de escrever o trabalho, nós escrevemos na casa dele, geralmente isso aí é uma tarefa individual. Um dos determinados estudantes naquela época, naquele determinado tempo, estava escrevendo o trabalho com o outro. Então, tinha os cuidados [...], geralmente era no fim-de-semana, e depois tinha nossa família, ele com a professora Sylvia , professora encantadora...

RM - Eu não conheço.

MO - Doutora Sylvia, professora encantadora, até hoje, né, maravilha, uma pessoa maravilhosa. Doutora Sylvia Oswaldo Cruz, que uma pessoa que está fazendo a respeito da vida de Oswaldo Cruz tem que...

RM - Está tudo sendo reportado.]

MO - Claro, porque ele, primeiro que uma história lindíssima, né, a doutora Sylvia é médica sanitarista, e eles se conheceram lá no Instituto Oswaldo Cruz, num curso de, para sanitaristas.

RM - Não.

MO - Não, não, não, não era sanitaristas, era o famoso curso do Intituto Oswaldo Cruz.

RM – O curso de aplicação ?

MO – É, que era um curso que era dado prá fazer teses, fazer pesquisas, prá pesquisa básica, se não fosse, foi uma turma brilhante, que ela era uma rica moça e era uma pessoa muito bonita, como ainda é hoje, e causou uma forte impressão na turma, e vários colegas se apaixonaram por ela. Então eu tive inclusive trabalhando com um senhor, mestrando, um técnico, ele é aposentado do Instituto Oswaldo Cruz hoje em dia, mas quando eu comecei a fazer pesquisa no Instituto Oswaldo Cruz, eu [...]. E ele contava, que ele tinha a ficha daquele povo, ah...

RM – Trabalhou com o Walter, também ?

MO – Não, ele trabalhou diretamente foi com o Carlos Chagas pai, né, uma pessoa que tem assim, uma memória oral do Instituto Oswaldo Cruz, que tem ser preservada. Eu sugiro que você o entreviste...

RM – Pois é, mas está sendo feito nas Memórias dele.

MO – Aí, o Chico Trombone, que está agora nos Estados Unidos trabalhando com o [...]. E vários outros. Mas, então, ele era o preferido do doutor Walter.

Interrupção da fita

MO – Bom, então, ela preferiu o doutor Walter e foi quebrando corações de vários pretendentes (risos). Uma gracinha, né, então entre eles, o doutor Evandro Chagas, que era aparentemente, assim, uma bela figura masculina, era muito bonito, parecia príncipe, tinha olho azul, barba linda, além disso, era desportista, músico completo, além de ser um cientista brilhante, e tudo, né, e ela preferiu o doutor Walter, uma historinha é o seguinte:

RM – O Walter tocava órgão, também ?

MO - É, e, é, tocava um isntrumento, bom, pelo menos eu ouvi [...]. Então eu acho que doutora Sylvia é uma pessoa [...]. Bom, mas jantávamos lá, e depois do jantar, tínhamos, trabalhávamos lá, né, e era a parte de elaboração realmente, né, tinha feito a discussão, o trabalho continha os dados experimentais, numa discussão que você tem que elucubrar o que que foi feito, e prá você ir prá próxima [...]. Não, espera aí, uma parte interessante que fazia parte do trabalho também esses serões eram na casa dele.

RM – Vocês discutiam, depois vocês escreviam mais ?

MO – É. Exatamente.

RM – E ele vinha dando assessoria toda ?

MO – É, ele diretamente, era um de nós.

RM – E no laboratório, como é que era ?

MO – No laboratório cada um tinha mais ou menos, o seu tema. Começávamos todos juntos, tínhamos mais ou menos cada um o seu tema, tínhamos um bom número de auxiliares técnicos, e às vezes tinha até um técnico prá cada estudante, alguns já formados e outros ainda sendo formados, que estudavam juntos, os técnicos e os estudantes todos juntos. Obviamente, ele tinha [...]

RM - Ele né ?

MO – Então era esse, no laboratório que a gente trabalhava.

RM – E o doutor Walter tinha, você e Izar, no laboratório dele, e independente disso ele fazia a produção dele ?

MO – Ah, independidamente, (sic), ele e o Gildo, né, os dois, quer dizer, e ele gostava de ver diretamente, o inseto era, ele fazia o trabalho, ele tinha o tema dele, qual era, o tema dele. E que eram muitos estudantes que tinham o tema sobre o trabalho dele.

RM – E esses temas também certamente eram levados prá esse seminário ?

MO – Ah, não, só quando tinha seminários de pesquisa, né, mas normalmente o seminário era um [...], isto é, era a discussão dos trabalhos da literatura, né, era isso.

RM – Journal ?

MO – É, journal, de journal, né. Que chama Journal of [...], Journal of Biology, Journal of Chemistry.

RM – Mécia, me conta então, mais essa questão: a Hematologia e Walter. Como foi isso, esse trabalho, a importância da produção dele nesse campo de pesquisa ?

MO – Vamos fazer um intervalo aí, você quer água, quer café ?

RM – Café.

MO – Quer mate ?

RM – Café, mate ou café, se for possível.

MO – Mate, é, precisa por prá gelar, quer ?

RM – Quero.

MO – Eu vou preparar o mate.

(Interrupção da gravação)

MO – E era capaz de ficar no [...], em pequenas coisas, também, ele não podia, tinha um perfeccionismo muito grande, né ?

RM – Com a produção científica ?

MO – É, ele tinha um modo de tratar às vezes um pouco ríspido, né. Mas aí você perguntou...

RM -E essa questão você prefere nem falar ?

M – Não, não, não. A outra, não sei realmente se [...]. Mas aí você perguntou sobre Hematologia, não é ? Quando nós entramos no laboratório o que Walter estava se propondo era rever alguns conceitos sobre o problema da hemostase fisiológica, isso é, a coagulação é uma coisa secundária. O que faz parar o sangue num pequeno corte, [...] num pequeno corte na pele, não é a coagulação e sim, são vários processos envolvidos numa ante-hemostase, que é anterior, coisa de ante-hemostase, seguindo prá minutos. [...]

RM – No hemofílico a hemostase existe ?

MO – Não, ela está comprometida em alguns casos, a hemostase e a coagulação, né, e aí o doutor Walter estava se propondo a rever a questão de plaquetas. Porque se achava, naquela época, é que a plaqueta fazia um tombo quase mecânico, isto é, um tampão para o vaso, né. E tinha evidências, ele tinha evidências no laboratório e parte do meu trabalho também foi em volta disso, os [...], que não era necessário, a plaqueta era absolutamente desnecessária, prá que houvesse no vaso um sangramento. Então, outros fatores, talvez a [...], também foi um fator importante . Mas isso hoje em dia, mas antes de fazer o que, de fazer o tampão, prá estancar, tem outras coisas que as plaquetas sequestram, etc., que tomam parte do processo da geral da parada do sangramento como um todo. E, o que ele queria então era verificar isso. Isso foi um dos achados.

RM – Isso foi descoberta do laboratório de vocês ?

MO – É. Isso foi muito importante. É, eu porque na participação de fósforo lipidius, né, hoje em dia você é fundamental não só na formulação, como acabou toda cascata de entonação, também, uma questão complicada de lidar, né então, o fósforo lipidius foi da maior importância, porque foi uma descoberta do laboratório a transformação do fósforo lipidius.

RM – Fósforo lipidius.

MO – Agora, o trabalho do laboratório, era na maioria das vezes, muito, era conceitualmente muito inovadores, a ciência, o âmbito da ciência não, mas a política editorial das revistas científicas é sempre muito conservadora, uma coisa muito nova, você tem dificuldades prá por, então ele foi prá América do Sul, né, esse [...] Mas e está sendo [...] nos Estados Unidos, mas então...

RM – E o que que era muito inovador ?

MO – Essa idéia de plaqueta, não sei muito claro, [...]. Vou poder, tinha que ter um papel prá você investigar melhor o papel dela.

RM – E aí foi difícil a publicação ?

MO – Era, sempre uma batalha campal, a publicação. Era [...] era não sei o que, era [...] sempre uma batalha grande. Era uma coisa ruim. Então, o que eu quero dizer, se você pegar o livro texto algum dia, talvez não seja mencionado o trabalho dele, o trabalho em laboratório, mas isso eu não posso dizer ao certo, já te falei que por telefone, podia conversar com o Marinho, que é hematologista e podia contactar também o Dietrich, em São Paulo, mas ele faleceu.

RM – Eu vou escrever prá ele pedindo...

MO – Ah, não.

RM – Essas atualizações, e tal, dizer que eu falei com você.

MO – Mas eu já tinha falado com ele telefone...

RM – [...]

MO – Você quer ?

RM – hum, hum.

MO – É aquele convite informal prá que ele venha, prá que ele compareça.

RM – Ah, sim, que ele compareça.

MO – E falando, você que tal, [...], não uma carta, mas prá dizer exatamente.

RM – Hum, hum.

MO – [...]

RM – Maravilha. E aí, formada, você continuou até quando ?

MO – Não, aí, assim que terminei o curso, uns quatro meses, voltei, ainda trabalhei lá um ano...

RM – Quando isso que você acabou o curso ?

MO – Ah, isso foi em 55. Aí quando voltei trabalhei um pouco e depois voltei pros Estados Unidos. Voltei pros Estados Unidos em 65 e fiquei em 68, aí eu já estava o laboratório todo mundo debandando, cada um no seu lado, aí já estava muito difícil, muito difícil. E em 67, ele morreu em 67, né ?

RM – Hum, hum.

MO – Eu tinha vindo ao Brasil prá, pro Natal, aí quando comunicaram da morte dele, foi, nós não estávamos [...] relações, se eu estivesse voltado, né, mas naquela época eu achava que era importante continuar, um grande problema de adaptação, na volta aqui do Brasil. Eu tinha trabalhado num lugar de muita tranquilidade, laboratórios muito bons, era tudo muito bem equipado, uma qualidade de vida muito boa, e aqui ainda enfrentei uma barra pesada.

RM – Isso ainda lá ?

MO – É.

RM – Lá prá vir prá cá ?

MO – É. E a perda do salário, a perda de tudo. Então, eu lá nos Estados Unidos estava mais fácil, né, mas por outro lado, eu não tive a idéia de voltar mais cedo. E voltei mais tarde, né.

RM – E vocês haviam brigado ou coisa parecida, houve algum desentendimento ?

MO – Houve um desentendimento, nós não estávamos brigados totalmente, mas não estávamos nos correspondendo.

RM – Hum, hum.

MO – E aí quem estava e que é uma grande fonte de informação é o Leopoldo, porque o Leopoldo estava aqui no Rio numa época, já no Instituto Oswaldo Cruz, já estava no Instituto de Bioquímica, que era na Praia Vermelha, mas era muito amigo dele. E viu poucos dias antes, do doutor Walter morrer, que foi a pessoa que quando o doutor Walter morreu e Sylvia chamou.

RM – Você ficou fora disso de 65 a 68 ?

MO – Hum, hum.

RM – Aí você voltou pro Instituto ?

MO – Pro Brasil, mas não pro instituto.

RM – E depois de formada, você ficou lá quanto tempo ?

MO - Não, não foi um bom tempo, foi uns três anos.

RM – E ele como articulador assim entre os cientistas ? Ele era articulador ?

MO – Ah, ele tinha uma grande liderança, ele não era articulador porque ele, ele tinha uma grande liderança, porque ele tinha uma autoridade científica, né ? Porque isso a gente reconhece

bem. Esses cientistas, uma coisa que, não é disputada, é liderança. E quem é, quem tem liderança científica sempre chama, não é, mas aí, ele tinha liderança científica, agora, ele não queria usar nenhum tempo útil dele prá qualquer coisa que não fosse o trabalho experimental, ou elucubração, ou aprendizado, visando ou o descobrimento no laboratório. Foi ele que me deu e que me explicou e que na verdade era uma forma de aliciamento, porque o que era o trabalho científico ? Você está sozinho, na cunha, na frente do conhecimento, é uma coisa muito importante, uma sensação que mantém o cientista vivo. Essa sensação de...ninguém mais sabe isso, só eu sei isso.

RM - Quanto tempo ele trabalhava ?

MO - Ah, eram, tinham cinco horas. Nós chegávamos cedo, tipo, nove, outros chegavam mais cedo, ele chegava mais tarde, tipo onze, meio-dia, nós almoçávamos, até lá, e até lá, e ficava até seis, naquela época, você imagine, aí a gente vinha de ônibus. O único túnel, falando prá mim.

RM - Ia lá prá cidade ?

MO - É, prá cidade, ou pelo aterro, mas às vezes, ele passava na Praia do Flamengo prá deixar as crianças dele, era uma coisa, ficava no pé da gente.

RM - Que mais ? Ah, recolhia também, ligado a essa informação, o que você sabe dela ? Parece que ele teria sido articulador ou assessor científico do Júlio, na época da presidência, você lembra disso ?

MO - Ah, não, eu não sei disso, não.

RM - Não ?

MO - Foi em 65, mas eu não estava no Brasil.

RM - 60 ?

MO - Não, não estava. Não, Júlio não foi em 60, Júlio foi em 61.

RM - Sim, 61, aí 61, né, você não estava ?

MO - Não estava.

RM - Você nem lembra ?

MO - Não, mas eu sei quem era, era amigo do Darcy Ribeiro, e quando Darcy Ribeiro era o presidente da Universidade de Brasília, que tentou haver um grupo de cientistas prá lá, tentou levar o Walter. Isso aí precisava levantar o rádio prá alguém trazer. Mas não sei se foi o que determinou. Mas ainda assim durou pouco, né. E era a [...], não podia.

RM – Mas diz que ele tem teria sido assessor científico da, e o Cândido Mendes, era assessor cultural.

MO – Ah, isso eu não sei, não estava por perto, como eu vou saber. Pergunte à Izar, que ela responde. Ou à doutora Sylvia, que na verdade, é a melhor de todas. Doutora Sylvia tinha pleno conhecimento de todas as áreas, não é, porque da área de pesquisa, né.

RM – Tem mais alguma pessoa ?

MO – Tem, a do, desse trabalho de Hematologia experimental, a participação do pulmão, na hemostase. O tipo de pesquisa que se fazia lá era uma pesquisa de sistemas, a nível fisiológico, né, e de nível pneumonológico, não é uma pesquisa a nível molecular, e era a tendência dele, era o que ele estava indo, né ? Que todos os outros depois iam nisso, né ? todos os outros foram, nós, o Dietrich, Leopoldo e eu fomos todos para a linha molecular, que era a coisa natural que ele também ia também, né, era a intenção dele, que todo mundo ia pra fora, com a intuição dele trabalhando junto. Mas era a nível pneumonológico, né, então, se sabia do papel do pulmão, que hoje em dia, se sabe que é um processo bronquio, que no pulmão tem uma parte das argininas, parte do pulmão, são todos fatores determinantes da incompatibilidade de pequenos vasos, que é o que determina, em grande parte, a parada espontânea do sangramento. Naquela época, eu sabia tudo isso, várias evidências que havia sangue venoso, quando utilizados como fonte de alimentação de matéria isolada. Matéria isolada era uma preparação fisiológica em que se suprimia a circulação normal do cão, o cão era deixado com a sua situação normal, anestesiado, era respeitados, até o último grau, a convenção de Genebra, animal de experiência nacional não sofria absolutamente nada. Mas era uma preparação em que se mantinha o cachorro anestesiado, e se isolava a circulação como se fosse um doente cirúrgico, isolada a circulação de uma pata posterior. E então, se fazia uma transfusão, a pata permite muito bem isso, se eliminava a circulação posterior, a circulação anterior é feita pela artéria femoral, e a veia arterial que alimenta os tecidos, levando oxigênio, e os elementos, e o sangue venoso, retornando aos tecidos, já rico em CO₂, que era trazido pela veia femoral, então, um sistema de transfusão, transfusão, podíamos usar sangues determinados, né, e não era o grau de aeração, não era o grau de tensão do oxigênio presente no sangue, mas tratávamos o sangue venoso, retirado de um outro cão, doados a uma mistura de carbogênio, oxigênio com CO₂, pra normal o fluxo, e o sangue tinha proveniência de oxigênio, [...], com sangue arterial, porém, as propriedades do sangue arterial saído do pulmão não tinha, né ? E esse sangue não se comportava como sangue arterial.

Fita 2 – Lado A

RM – Isso ainda tem muito seu e um pouco dele, não é isso ?

MO – Pois é, mas é isso que eu estou falando agora.

RM – Eu ia te falar isso depois. A crítica que eu ia te fazer é a seguinte: deixa eu perguntar isso aqui, não deixa eu falar logo, depois eu te pergunto mais, eu não entendi muito bem essa questão científica, mas eu vou te transcrever tudo, tá ?

MO – É.

RM – E aí se tiver alguma correção, ou se não sair bem, ou se eu não conseguir entender, destrinchar. Agora, qual é nosso objetivo ?

Interrupção da fita

MO – Bem, eu queria completar a respeito da educação científica. Uma parte importante também, da divulgação do trabalho, era apresentar o trabalho, a comunicação do trabalho realizado à Academia Brasileira de Ciências, era muito interessante, era muito freqüentada, tinha o Jacques, que freqüentava muito, Jacques ?, o Laboriaux, que era um [...], que estva muito bem no [...], tinha muita gente, e era muita dinâmica as reuniões, que era muito [...]. de academia, a academia foi ficando absolutamente estranha, que hoje você vai à academia e não dá prá botar isso lá. A pessoa vai à academia, e dá por exemplo comunicação, vai o pai e a mãe, e quando é casado, vai a esposa, o marido, mas antigamente não, a academia era um lugar muito florescente, e um, havia também uma certa...

RM – E haviam vocês iam juntos ?

MO – Ah, ele ia, nós íamos. Havia uma certa coerção que nós fossemos, profissional, vamos dizer, uma grande ênfase dada à academia, e a nossa presença era muito solicitada.

RM – Por ele ?

MO – Por ele. Que era uma coisa que nós nos beneficiamos, porque nós somos estudantes, estava sempre em cima do muro, né, sem muita coisa prá fazer, [...], mas era uma coisa importante.

RM – Então, eu vou fazer isso, eu tiro essa fita, trago a transcrição mesmo, e a partir dessa introdução eu tento fazer esse enxugamento, fazendo desse apanhado todo uma edição mesmo, e vejo se satisfaz, seria um depoimento, senão, se seu achar que nem ficou bem e tal, eu falaria, faz o seu direto, sobre o que que era ele, eu quero um negócio pequeninho, mas aí eu faço isso amanhã, e te trago nessa semana que nós precisamos da maior agilidade, senão não dá tempo, tá ?

MO – Ótimo.

RM – Está bom.

Fim da Entrevista